



O CONTEMPLAR E O CAMINHAR: a mística descoberta no cotidiano

CONTEMPLATING AND WALKING the mystic discovery in everyday life

André Luis P. Mousinho¹

Eder Vasconcelos²

Resumo: A visão correta da mística é pouco nítida para muitas pessoas. A maioria entende como algo que não se limita à crença em Deus, mas atinge a vivência de Deus. Muitos relacionam a mística com experiências exóticas, a saber: visões, dom de línguas, revelações particulares, expansão da consciência ou êxtase. Para outros, a mística é a busca por atingir, por meio do contato existencial, o inatingível: Deus. A partir dessa perspectiva, a mística significa, então, a capacidade de se comover diante do mistério inefável. Não é pensar as coisas, mas sentir as coisas tão profundamente a ponto de perceber o mistério fascinante que habita a interioridade.

Palavras-chave: Mística. Mistério. Cotidiano. Experiência.

Abstract: The correct view of mysticism is unclear to many people. Most understand it as something that is not limited to belief in God, but reaches the experience of God. Many relate mystique to exotic experiences, namely: visions, the gift of tongues, private revelations, expansion of consciousness or ecstasy. For others, mystique is the quest to reach, through existential contact, the unattainable: God. From this perspective, mysticism means, then, the ability to be moved by the ineffable mystery. It is not thinking about things, but feeling things so deeply as to perceive the fascinating mystery that inhabits interiority.

Keywords: Mystique. Mystery. Daily. Experience.

¹ Licenciado em Filosofia, Bacharel em Teologia e Pós-graduado em Ciências da Religião. Atua como professor de Filosofia na Rede Pública.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5664815396109070>.

² Licenciado e Bacharel em Filosofia, Bacharel em Teologia. Pós-graduado em Ciências da Religião e professor de Teologia Pastoral.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1287903776677367>.

E-mail: amigodosanjos@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente texto “O contemplar e o caminhar: a mística descoberta no cotidiano” almeja lançar um olhar sobre as principais ideias que fundamentam o despertar da mística cristã, de modo que as reflexões aqui dissertadas não têm a pretensão de celebrar o desfecho de uma temática tão profunda e meritória, mas procura fazer uma síntese das principais características da experiência mística hodierna. Por conseguinte, o presente estudo discorrerá seu conteúdo em três tópicos, a saber: O que é a mística? O que são místicos de ontem e de hoje? E, por último, a mística de olhos abertos.

Atualmente, o interesse pela mística vai muito além das pesquisas realizadas no campo das Ciências da Religião, da Teologia e de outros saberes. Na contemporaneidade, as ciências humanas têm despertado um interesse crescente pela mística. No Ocidente, porém, a imagem da mística foi desvirtuada no decorrer do tempo. Tudo aquilo que nos primórdios do Iluminismo, entre os séculos XVII e XVIII, passou a ser considerado um caminho irracional e suspeito, na época atual volta a ser esquadrihado por muitas pessoas, que veem na mística o caminho da experiência de Deus, da expansão da consciência e da unidade com todo o cosmos. À vista disso, articula-se com frequência que a mística está de volta.

O teólogo do século XX, Karl Rahner (1904-1985) fez uma afirmação muito condigna em torno da mística. Ele disse: “O cristianismo do futuro será místico, caso contrário deixará de existir” (GRÜN, 2012, p. 8). Deveras, “Místico” para Rahner não é alguém com características extraordinárias, mas o cristão que em sua vida faz uma experiência pessoal da fé cristã.

O ser humano do século XXI não só anseia por dinheiro, fama, sucesso, como também está sedento pelo transcendente, algo mais consistente que dê um verdadeiro sentido a sua existência terrena. Dentro das profundidades humanas, há um desejo pelo sagrado e, por que não dizer, por uma mística que aponte para algo maior. E por quê? Porque o desejo de união com o Outro transcendente na imanência, que se chama Deus ou amor infinito, dá um sentido brilhante à existência, ao transmutar a vivência do ser humano, porquanto a verdadeira mística causa uma transformação interior. Se ela não proporciona uma mudança radical, isto é, a conversão no modo de pensar, sentir e perceber a realidade, é uma pseudomística. Por fim, este ensaio versará especificamente sobre a mística no cristianismo.

2 O QUE É MÍSTICA?

A primeira ideia que vem à mente de algumas pessoas quando se fala de mística é que ela está relacionada ao esoterismo. A palavra mística na Idade Média tinha outro nome: contemplação. Mas a pergunta fundamental permanece: o que é esse fenômeno que se convencionou chamar de mística ou vida no Espírito? Segundo Anselm Grün, a palavra mística é de origem grega e significava iniciação nos mistérios. Grün vai à raiz do termo e diz:

Mística vem do adjetivo grego *mystikos*, derivado dos verbos *myo* (fechar os olhos e boca, para gerar um mistério internamente, e *myeo* (penetrar no mistério). Entre os gregos, “mística” significava, a princípio, a iniciação nos mistérios, na qual uma pessoa se unificava com o destino da divindade e passava a participar do poder divino. Mas Platão concebeu também uma ideia filosófica da mística, que descreveu como ascensão da alma à contemplação espiritual de Deus. Para a filosofia neoplatônica, a mística é o conhecimento de uma verdade oculta no mistério, um conhecimento que só aquele que se desliga do mundo pode obter, podendo, assim, contemplar mais profundamente o âmago da divindade (GRÜN, 2011, p. 9).

A mística cristã é fazer a experiência do mistério de Cristo no hoje da história. E esse mistério de Cristo se prolonga na vida dos pobres e sofredores. Não existe mística cristã descontextualizada da vida daqueles que mais sofrem. O verdadeiro místico não se esconde do mundo. Ele está no coração do mundo testemunhando o sentido da vida que prevalece ante os sinais de morte. O místico não é um ser vegetativo, mas profundamente ativo e contemplativo. O teólogo e pesquisador das religiões José Luís Vázquez Borau traz, no conjunto de suas pesquisas, contribuições importantes no campo da mística cristã. Ele acentua:

A palavra *misytica* foi introduzida no cristianismo por um monge siríaco, um neoplatônico cristão, que viveu entre o século V e o início do século VI, e que escreveu vários tratados teológicos, entre os quais um intitulado *De Mystica Theologia*, dedicado a Timóteo, discípulo de Paulo de Tarso, assinado por Dionísio o Areopagita (BORAU, 2002, p. 18).

Em tal caso surge a pergunta: qual o significado da palavra mística? O vocábulo, comumente, remete a mistério. Em seguida, vem à tona outro questionamento: o que é o mistério? Sabe-se que “as tradições ocidentais o chamaram de *mysterion*, que não quer dizer nem enigma, nem incógnita” (PANIKKAR, 2007, p. 39). Com efeito, o mistério divino é indizível e nenhuma expressão humana pode descrevê-lo. Assim, o mistério não é o limite do conhecimento como muitos imaginam. Ele é apenas o ilimitado do conhecimento. Mas, nem por isso, o ser humano deve deixar de buscá-lo. Antes, é preciso entrar em comunhão profunda

com toda a realidade espiritual envolvente, ou seja, ir para além de qualquer horizonte vivenciando o mistério.

O mistério no cristianismo é uma busca que perpassa toda a vida do crente. Nesse sentido, “o ser humano, cada um, é uma participação, uma imagem, um mistério de Deus” (PANIKAR, 2007, p. 136). Por essa razão, o mistério mantém o ser humano sempre na admiração até o fascínio, na surpresa até a exaltação. De forma que quando se chega a esse nível nada mais resta a não ser o silêncio, a reverência e a adoração.

A mística, por consequência, revela a profundidade de sua significação, quando capta o elo misterioso que une e reúne, liga e religa todas as coisas em um todo organizado e dinâmico. Por conseguinte, afloram os seguintes questionamentos: “a mística cristã possui algum segredo? Qual é esse segredo? Thomas Merton diz que “o segredo da mística cristã é que realiza a si mesma pelo amor desinteressado aos outros” (MERTON, 2006, p. 22). Ou seja, segundo Merton, a mística é amor e compaixão, e nenhuma mística é autêntica, se não se converter verdadeiramente em compaixão. Ter compaixão é ser capaz de estar com o outro, sair de si, sofrer com o outro. É ser movido por um amor desinteressado.

Michel de Certeau (1925-1986) foi um jesuíta, historiador e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e das ciências sociais e explicou, metaforicamente, o que é a mística, ou melhor, o que é um místico. Ele afirma “é místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar”. O contemplar e o caminhar é uma constante na existência dos místicos e das místicas de todos os tempos. O teólogo Jean-Ives Leloup descreve como é o verdadeiro caminhar e suas pegadas sobre a terra:

Caminhar como um turista é caminhar sobre a costa da terra. Caminhar como andarilho é conhecer a seiva, entrar no movimento, na própria energia do universo e voltar carregado dos odores da natureza, da floresta que foi atravessada, talvez do javali cujas pegadas seguimos. Caminhar como um peregrino é caminhar próximo do Sopro que está na seiva, caminhar com aquilo que informa a seiva e dá à árvore sua crosta, sua casca, sua retidão viva à margem do caminho (LELOUP, 2013, p. 67).

O caminhar do místico não é o caminhar curioso do turista com a beleza que vislumbra. O caminhar do místico é o caminhar de um andarilho, de um peregrino movido pelo Sopro. O caminhar dos místicos sobre a terra é uma verdadeira peregrinação exterior e interior.

Por sua vez, Bernard McGinn (1937), professor na Universidade de Chicago e exímio estudioso da mística, constata que hoje há um interesse significativo pela centralidade da mística. Ele comenta:

As últimas duas décadas testemunharam um ressurgimento notável no interesse pelo estudo e pela prática da espiritualidade cristã, especialmente na mística tradicionalmente compreendida como o ápice do caminho espiritual. [...] Tanto do ponto de vista especificamente cristão quanto ecumênico, a mística é um tema central, hoje em dia (MCGIN, 2012, p. 11).

Percebe-se, com isso, que o interesse pela mística extrapola o âmbito da religião. Por quê? Porque a mística cristã não é uma experiência de reclusão à solidão da oração em um mosteiro ou vida contemplativa, antes é um dinamismo interno e externo de toda ação solidária e compassiva. Em síntese, a “mística não significa além de Deus e do mundo. Mística é Deus e mundo, uma unidade indivisível. Com isso, a tensão entre os dois polos não fica neutralizada” (JÄGER, 2009, p. 70).

O teólogo Leonardo Boff (1938), ao refletir com lucidez, clareza e nostalgia sobre a dimensão mística da vida cristã, afirma que mística:

[...] não é, portanto, pensar sobre Deus, mas sentir Deus em todo o ser. Mística não é falar sobre Deus, mas falar a Deus e entrar em comunhão com Deus. Quando rezamos, falamos com Deus. Quando meditamos, Deus fala conosco. Viver essa dimensão no cotidiano é cultivar a mística (BOFF, 2009, p. 54).

Boff compreende a mística não como “um pensar *sobre* Deus”, mas como um sentir Deus em todo ser. A visão franciscana diz que Deus está presente em tudo. Todas as criaturas estão impregnadas da presença do Criador. A mística não é produto do pensamento, mas é algo que envolve o sentimento em sua inteireza. Por outro lado, a mística não consiste em falar *sobre* Deus, mas falar a Ele e viver na eterna comunhão com Ele. Viver a eterna comunhão com Deus é a meta da mística cristã. Essa experiência do falar a Deus é vivida, sobretudo, no espírito da oração e da meditação, onde se fala com Deus e Deus fala com a pessoa que a ele se dirige.

Conjuntamente, a mística é uma experiência de unidade cultivada no dia a dia. Não é algo extraordinário que somente algumas pessoas podem fazer essa experiência. Diante disso, surge um questionamento: hoje, o ambiente cotidiano facilita o cultivo da experiência mística? Fazer a experiência do mistério de Deus em meio às situações diárias é, sem dúvida, um grande desafio. O ruído, a TV, o rádio, as redes sociais e as ocupações não oferecem um ambiente adequado para que as pessoas possam ter um contato mais profundo com a Fonte, de onde emana o mistério insondável.

Contudo, na contemporaneidade, o ser humano perdeu esse senso místico da existência, fixando-se na superficialidade. À vista disso, urge recuperá-lo como dimensão do profundo e

significativo que dá sentido à vida humana. Diante desse fato, é importante salientar que a mística não implica em uma fuga do mundo (*fuga mundi*) ou desprezo das realidades terrestres, mas em um mergulho ainda mais fundo nas entranhas da realidade, para ser capaz de captar os sinais dos tempos. O filósofo Ludwig Wittgenstein, no *Tractatus Logico-Philosophicus*, escreveu: “Não é como as coisas são no mundo que é místico, mas sim que o mundo exista”. Trata-se de uma experiência pessoal, mas não individualista, que o místico realiza no mundo real.

3 OS MÍSTICOS DE ONTEM E DE HOJE

Alguns anos atrás, Frei Betto, (1944), frade dominicano e escritor, formulou de forma magistral a seguinte questão: “será que é possível construir homens e mulheres novos sem falar de mística?” (BETTO, 2005, p. 85) A questão continua atual e relevante na atualidade. Por isso, acredita-se que o século XXI deverá ser um século marcado pelo contemplar e o caminhar dos místicos e místicas testemunhando a paz, a justiça, a compaixão e a não violência no cotidiano da vida.

Nada obstante, quem são os místicos e místicas contemporâneos, ou melhor, do século XXI? São pessoas que descobriram a dimensão do sublime, isto é, do sagrado em Deus, nos seres humanos e em toda a criação. Melhor, são homens e mulheres apaixonados pela causa do Reino de Deus. São seres humanos que exalam o odor de Cristo Jesus por onde passam. O místico Anthony de Mello assevera: “Os místicos são os que mais confiadamente se abrem à realidade, sem se preocupar com o resultado dessa atitude, porque sabem que apenas na realidade que habita a verdade” (MELLO, 1993, p. 35). Abrir-se à realidade é encontrar a verdade. Abrir-se à realidade é encontrar a vida!

No entanto, quando se trata da mística como uma temática relevante, por cúmulo, muitos pensam em claustros, monges, silêncio, penitência, jejum, olhos fechados, ambiente sagrado e fechado, onde se anda calma e lentamente, longe do mundo barulhento. Essa é a primeira ideia que passa pela cabeça de muitas pessoas.

Todavia a figura dos místicos contemporâneos aponta caminhos sempre novos e diferentes. Basta, por exemplo, pensar em Madre Teresa de Calcutá, Thomas Merton, Dom Helder Câmara, Irmã Dorothy Stang, Oscar Romero, Charles Eugène de Foucauld, Irmã Dulce dos Pobres e tantos outros, que testemunharam o amor e a compaixão, sem deixarem a condição

de místicos contemplativos. Neles há uma integração entre mística e ação transformadora. Suas vidas foram, sem dúvida, uma síntese entre ação e contemplação, pois na experiência mística não existe dualismo entre ação e contemplação. São como que duas asas que equilibram o itinerário místico.

O estudioso do místico Thomas Merton, Getúlio Antônio Bertelle, tenta definir o místico nestes termos:

Místico é alguém que penetrou na interioridade (*en-stasis*) a fim de descobrir o próprio centro, vencendo a ilusão e a dispersão existencial, a superficialidade e o anseio consumista. Só assim é possível sair de si (*ex-stasis*) e desprender-se na abertura ao outro em compaixão (BERTELLE, 2008, p. 17-18).

A compaixão é critério para verificar a autenticidade da mística, e essa é a alma daquela. Ainda que a mística seja inefável, o místico fala, dialoga consigo mesmo e com a realidade vigente. Partindo de sua experiência pessoal, Merton diz que os “místicos de todas as épocas buscaram e encontraram não apenas a unificação do próprio ser ou a união com Deus, mas a união entre si mesmos no Espírito de Deus” (MERTON, 2004, p. 18). Místico é, portanto, alguém que saiu da casca da superficialidade e adentrou--se na seiva da interioridade para descobrir seu tesouro, ou seja, seu núcleo essencial.

O primado de toda mística cristã consiste na unificação com o Espírito de Deus e consigo mesmo. Esse é o grande trabalho do místico: voltar-se para si, mas não permanecer em si, unindo corpo-mente-coração-reconciliado consigo mesmo e com o mundo. Destarte, a pessoa mística é aquela que sabe ler e reler os sinais dos tempos sem usar “lupa”, “binóculos” ou “óculos escuros” dos sistemas religiosos institucionalizados.

Um místico não pode ser confundido com um delirante ou esquizofrênico, pois “é simplesmente o ser humano ‘espiritual’, no sentido mais pleno da palavra ‘espiritual’ [pneumatikós]” (MERTON, 2006, p. 36).

O místico, pois, é um ser humano repleto, cheio do Espírito. Ele é capaz de ver, isto é, perceber o que acontece consigo e com o mundo que o circunda. Ele é um homem ou uma mulher que olha o mundo com os olhos de Deus; não despreza o mundo porque este é mau e perverso. Mesmo sem negar as adversidades e contrariedades da vida, ele é capaz de degustar a vida e tudo o que ela tem de bom e belo. Concomitantemente, não são pessoas alienadas da realidade onde estão situadas, pois vivem no coração do mundo, sem serem submergidas pelas forças de destruição do mundo.

Segundo Faustino Teixeira, pesquisador da mística no Brasil, os místicos são pessoas próximas, isto é, pessoas que vivem uma profunda relação de intimidade com seu Deus. Ele assim os descreve:

Os místicos são os “amigos de Deus”, sem os quais é muito difícil manter a secreta mirada que acessa o senso da “delicadeza espiritual”, que possibilita o real “encontro com o mistério dentro e além das coisas e das ideias. [...] Os místicos são testemunhas de um grande e decisivo encontro que transformou suas vidas” (TEIXEIRA, 2006, p. 8).

Assim, a amizade é uma experiência de intimidade recíproca. Os místicos cultivam essa amizade com Deus por meio da oração, do silêncio e da compaixão. No contínuo diálogo amigável, o místico vai adentrando sempre mais no mistério de Deus, com o propósito de tornar-se um com Ele. Por conseguinte, o fruto do cultivo dessa relação de amizade com Deus é vivenciado na relação de alteridade com as pessoas no cotidiano.

4 MÍSTICA DE OLHOS ABERTOS

Há uma mística de olhos abertos e uma de olhos fechados. Qual das duas é a mais importante? Todas têm sua importância e seu valor. No entanto, aqui, buscaremos evidenciar a mística de olhos abertos. Diversos teólogos têm se aproximado dessa mística que enxerga o mal no mundo e toma partido. Com os olhos abertos o místico vê, age e transforma a realidade de dentro para fora.

O poeta e escritor Rubem Alves (1933-2014), com muita leveza, dizia: “Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo, e o mundo aparece refletido dentro da gente” (ALVES, 2006, p. 121). Quando a pessoa abre os olhos abrem-se também as janelas do corpo, da alma e do espírito. Nesse momento o mundo todo aparece refletido no interior da pessoa. Quando se abrem os olhos, abrem-se, também, as janelas.

As janelas têm uma importante missão de refletir luz para o mundo existente dentro do ser humano. Os olhos são, sem sombra de dúvida, a janela da alma. Ver é abrir-se diante da beleza da vida! Esse olhar, que brota do fundo da alma, cria comunhão com o mistério contemplado. Ver é muito mais do que enxergar; ver é ir além das aparências, é saber distinguir, é perceber os sinais do amor e da vida.

O que se entende por mística de olhos abertos? Para compreender essa forma de mística é necessário conhecer o teólogo alemão contemporâneo Johann-Baptist Metz (1928-2019), uma

vez que ele próprio acredita que a mística que se revela no judeu-cristianismo é uma *mística de olhos abertos*, pois afirma que

A experiência de Deus inspirada bíblicamente não é uma mística de olhos fechados, mas sim uma mística de olhos abertos; não é uma percepção relacionada unicamente com nós mesmos, mas sim uma percepção intensificada do sofrimento alheio (METZ, 1996, p. 26).

A experiência de Deus herdada, ou seja, de inspiração bíblica, não é uma mística de olhos fechados, mas de olhos abertos, pois a de olhos fechados não se importa com o sofrimento alheio, contempla apenas seu próprio umbigo; está voltada unicamente para sua interioridade; não se preocupa com questões emergentes e urgentes: aquecimento global, desmatamento, violência, pedofilia etc. Em suma, a mística cristã jamais pode ficar indiferente ao sofrimento humano e planetário.

O místico de olhos abertos contempla tudo com os olhos de Deus. Mas esse contemplar não é simplesmente cruzar os braços e dizer que Deus fará uma intervenção sobrenatural. Deus age diretamente pelas mãos do místico. Nesse sentido, o filósofo Marco Vannini, estudioso da mística especulativa, atesta que

a ‘ação’ que o místico prefere é a oração. Por oração não se deve entender em primeiro lugar o pedido formulado com muitas palavras – contra o qual se volta também o Evangelho, que exorta a não se alongar demais, pois Deus sabe daquilo que necessitamos (VANNINI, 2005, p. 21).

O místico autêntico é aquele que vive a dinâmica da oração na ação, contemplando todas as realidades do mundo, rezando sem palavras, pois o puro silêncio é também oração. Oração e ação nada mais é que a face da mesma moeda.

A experiência mística não consiste tanto em ter visões excepcionais; consiste em ter uma visão nova de toda a realidade, descobrindo Deus como sua última verdade, como seu fundamento vivo, atuante e sempre novo no seio do universo. Para o jesuíta Benjamín González Buelta, os místicos de olhos abertos não são aqueles que têm visões estranhas que beiram à patologia, e sim os que experimentam uma visão nova da realidade, muitas vezes percebida apenas como caos sem solução. Ele certifica que os místicos de olhos abertos possuem a sabedoria do olhar. Enfatiza ele:

Diferentemente, o “místico de olhos abertos” abre bem os olhos para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está

habitada por alguém, por Deus. Relaciona-se com o mundo, dando-se conta dos sinais de Deus que enchem toda a Criação com sua ação incessante, com sua fascinante criatividade sem-fim. A paixão da vida do místico é olhar, e não se cansa de contemplar a vida porque busca nela o rosto de Deus. Mergulha nas situações humanas, dilaceradas ou felizes, procurando essa presença de Deus que atua dando vida e liberdade (BUELTA, 2012, p. 57).

Para o autor supracitado, portanto, o místico tem os olhos abertos e voltados para o mundo, não coloca venda para não ver as injustiças, a fome, a exploração, a corrupção que circula a seu redor. Antes coloca em evidência que a grande paixão da vida do místico é olhar ou, dizendo de outra forma, é contemplar.

A mística de olhos abertos não distrai dos afazeres cotidianos, sejam quais forem eles, pois é uma pessoa profundamente encarnada na realidade; possui um olhar lúcido sobre o que contempla; possui uma grande sensibilidade diante do pecado social; e todas as formas de injustiça que fere a integridade das pessoas e de toda a criação.

No místico de olhos abertos nasce um novo coração, que é mais compassivo e misericordioso e, por fim, é solidário com todos os que sofrem. O teólogo luterano Dietrich Bonhoeffer, meditando o versículo 18, do salmo 119, escreve:

Quem tem os olhos abertos pela Palavra de Deus vê diante de si um mundo de maravilhas. O que antes parecia morto está agora cheio de vida, o que está cheio de contradições se desfaz em uma união superior, a dura exigência vira mandamento benigno. [...] Senhor, abre meus olhos (BONHOEFFER, 2008, p. 62-63).

Para a escolástica e a teologia clássica, a mística é “*Fides occulata*”, uma fé dotada de olhos, uma fé iluminada porque pode ver a realidade à luz de Deus (PANIKKAR, 2005, p. 53). A fé necessita de olhos para ver, caso contrário, é cega, surda e alienada do resto da realidade. Com isso, a fé que vê é iluminada, é capaz de ver o real, o concreto, à luz de Deus. Essa afirmação, que vem da Escolástica e da Teologia Clássica, aproxima-se da concepção de uma mística de olhos abertos tão bem formulada pelo teólogo Johann-Baptist Metz e Benjamín González Buelta.

Metz criticamente afirma que o âmago da mística cristã não é uma mística de olhos fechados, mas de olhos dolorosamente abertos: abertos para a vida, para o mundo e tudo o que acontece ao redor do mundo. A mística de olhos abertos é uma mística do olhar. Olhar de compaixão para com aqueles que mais sofrem. Essa mística instiga um exercício do olhar. É necessário aprender ou reaprender a olhar o mundo, a vida e a si mesmo de outra forma. Superar o narcisismo giratório em torno do próprio ego. Ele afirma:

[...] em sua essência, a mística cristã não é nenhuma mística de olhos fechados, mas de olhos dolorosamente abertos. Ela incentiva um exercício especial do olhar, uma superação das nossas dificuldades inatas de visão e nosso narcisismo como criaturas (Ibid., p. 64).

A mística cristã, pelo fato de ser histórica, direciona-se pelo seguimento de Jesus. “Dessa forma, a ‘vida mística’ significa a ‘vida cristã’, desde que ela se torne o vivido do Amor de Deus que toca o ser humano e do qual o homem deve estar perfeitamente consciente” (EVDOKIMOV, 2007, p. 41).

Tal propósito implica um compromisso de solidariedade para com os pobres, pois Jesus se sentou entre eles e pessoalmente optou pelos marginalizados das estradas, do campo e das praças das cidades. Implica também um compromisso de transformação pessoal e social, presente na utopia pregada por Jesus, do Reino de Deus, que começa a realizar-se na justiça dos pobres e, a partir daí, para todos e para toda a criação. Em sua essência, a mística cristã olha atentamente e vê claramente as realidades gritantes que acontecem ao redor da casa comum, o planeta Terra, pois:

Contrariamente ao discurso corrente da “fé cega”, as tradições bíblicas e o próprio Jesus defendem a visibilidade, o tornar visível e o maior dever de tornar verdadeiro. Aquele que diz a palavra “Deus” não precisa fechar os olhos. O cristianismo não é um encantador cego de almas, ele nos ensina uma mística de olhos abertos (Ibid., p. 103).

Muitos cristãos, em pleno século XXI, ainda vivem uma fé cega, alimentada, muitas vezes, por aqueles que têm o dever de orientá-los e conduzi-los. Jesus, o mestre do olhar, abria os olhos das pessoas e quando o fazia, tudo mudava ao redor delas: o novo renascia, a esperança florescia e a vida ganhava novo colorido. O cristianismo é uma escola do olhar atento, vigilante e desperto. Jesus não é um encantador de almas cegas. Ele deseja que as pessoas vejam com clareza e limpidez tudo o que ocorre no mundo. E não simplesmente neguem o mundo onde vivem.

Em Deus há uma fusão de olhar. Se há uma fusão de olhares entre o Criador e a criatura, a fé nesse Criador é uma fé de olhos abertos. É uma fé face a face. É uma fé interpeladora diante do inominável e diante do próximo. Metz declara livre e abertamente que:

[...] dizemos que a fé vem do que ouvimos. Sim, certamente, mas nossa fé cristã não é apenas uma escola para a audição, mas também uma escola para a visão, uma escola para nossos olhos. A unidade indissolúvel do amor a Deus e do amor ao próximo nos chama a atenção sobre isso. Nossa fé em Deus não

é uma fé com os olhos fechados, mas com os olhos abertos, face a face (Ibid., p. 93).

Portanto, a fé cristã não é uma escola apenas para ouvir; é, acima de tudo, uma escola para a visão, isto é, uma escola para aprender a abrir os olhos. A fé no Deus da vida não é uma fé com olhos fechados, mas com os olhos abertos para contemplar face a face as dores e as alegrias do mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista das reflexões apresentadas, ficou evidente que falar da mística cristã, em pleno século XXI, é sempre um desafio, que implica investigação, cuidado, prudência e bom senso na hora de nomear a experiência do mistério que cada pessoa vai fazendo ao longo de sua existência. Mas, por outro lado, o estudo da mística fascina, instiga e contagia estudiosos dos vários campos do conhecimento humano.

Nesse sentido, pode-se dizer que a mística é algo latente nos dias atuais. Ela surge sempre para dizer que a religião não tem a última palavra sobre Deus e seu mistério; que o ser humano é um ser intrinsecamente religioso. Por isso a religião, a teologia e a filosofia precisam, constantemente, escutar a voz dos místicos no coração da vida cotidiana. Caso não o façam, é sinal de que a religião se tornou árida e estéril.

A mística cristã tem como centro não uma ideia, mas uma pessoa: Jesus de Nazaré. O Místico do Pai por excelência. Nele o cristão é convidado a fazer uma experiência de encontro íntimo e pessoal. Uma experiência de contemplar e caminhar rumo à transformação interior e, até mesmo, exterior. Essa experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo no caminho do cotidiano não é exclusividade de algumas pessoas privilegiadas. A possibilidade dessa experiência é destinada ao homem e à mulher que vivem inseridos na modernidade. Muitos até podem pensar que a mística é para pessoas com “dons especiais” ou “sobrenaturais”, porém essa não é a mística cristã. A mística cristã é viver a união com Deus, que leva o místico a se unir aos outros em busca de um mundo mais justo, fraterno e igualitário.

Assim, a mística cristã não é um perder-se em si mesmo. Ela lança o desafio de contribuir para uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. Nesse sentido, a mística possui uma dimensão político-libertadora-contemplativa. O místico do século XXI trilha os caminhos da vida tendo presente essa tríplice vertente. O místico é um amigo de Cristo; vive sua vida

confrontada e iluminada pela vida de Cristo, sem deixar de estar envolvido no contexto sócio-político-cultural em que está inserido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Vamos construir uma casa**. Doze lições para educação dos sentidos. São Paulo: Papyrus, 2005.
- BERTELLI, Antônio Getúlio. **Mística e compaixão**. A teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton. São Paulo: Paulinas, 2008.
- BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Tempo de transcendência**: o ser humano como projeto infinito. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- BONHOEFFER, Dietrich. **A resposta às nossas perguntas**. Reflexões sobre a Bíblia. São Paulo: Loyola, 2008.
- BORAU, José Luís Vázquez. **Os místicos das religiões**: a mística e o futuro da religião. Lisboa: Paulus, 2002.
- BUELTA, Benjamin Gonzales. **“Ver ou perecer”**: Mística de olhos abertos. São Paulo: Loyola, 2012.
- EVDOKIMOV, Paul. **O silêncio amoroso de Deus**. São Paulo: Santuário, 2007.
- GRÜN, Anselm. **Mística**: descobrir o espaço interior. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- JÄGER, Willigis. **A onda e o mar**: Espiritualidade mística. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- LELOUP, Jean-Yves. **O sentar e o caminhar**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- MCGINN, Bernard. **As fundações da mística das origens ao século V. Tomo I**. A presença de Deus: Uma história da mística cristã ocidental. São Paulo: Paulus, 2012.
- MELLO, Anthony de. **Autolibertação**. Iluminação e espiritualidade. São Paulo: Loyola, 1993.
- MERTON, Thomas. **O homem novo**. Rio Janeiro: Vozes, 2006.
- MERTON, Thomas. **A sabedoria do deserto**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- METZ, Johann-Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.
- PANIKKAR, R. **Da Mística**. Experiência plena da vida. Herder, 2005.

PANIKKAR, R. **Vita e parola**. La mia opera. Milano: Jaca Book, 2010.

PANIKKAR, R. **Ícones do mistério**: a experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. **Caminhos da mística**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. **Nas teias da delicadeza**: Itinerários místicos. São Paulo: Paulinas, 2006.

VANNINI, Marco. **Introdução à mística**. São Paulo: Loyola, 2005.

VASCONCELOS, Eder. RODRIGUES, Emerson. **O contemplar e o caminhar**. A mística descoberta no cotidiano. São Paulo: Santuário, 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2020.

Recebido em: 30 abr. 2022
Aprovado em: 30 mai. 2022